

ENTRE A GULA E O CONTROLE: A ALIMENTAÇÃO DA COCANHA À UTOPIA DE THOMAS MORE

Jhenifer da Rocha Gallo ¹, Paola Povosian Freitas Calle ², Ana Carolina Nascimento ³, Silvia Regina Liebel ⁴

¹ Acadêmica do Curso de História Licenciatura – FAED bolsista PIVIC/UDESC

² Acadêmica do Curso de História Licenciatura – FAED bolsista PIVIC/UDESC

³ Acadêmica do Curso de História Licenciatura – FAED bolsista PIVIC/UDESC

⁴ Orientadora, Departamento de História da FAED/UDESC. – liebel.seiziemiste@gmail.com

Palavras-chave: Utopia. Literatura. História da Alimentação.

Este artigo tem como objetivo analisar como o autor da obra *Utopia* do século XVI, Thomas Morus (1578-1535), representou sua sociedade e as mudanças que estavam ocorrendo na sua época em seu mundo idealizado. Para tanto, pensaremos os significados dos alimentos escolhido pelo autor inglês para compor sua obra. Mais especificamente, buscaremos refletir sobre as escolhas relacionadas ao contexto e aos processos que estavam se desenrolando, ou seja, pensar as inquietações do autor quanto ao período vivido e o que isso influenciou na construção da sua obra literária, uma vez que consideramos a Utopia tanto uma crítica à ordem vigente como uma sugestão de possível mudança. Entendemos que é de extrema importância pensar a alimentação na obra de Morus, uma vez que essa é base fundamental de sua obra, como também de sua crítica social, ou seja, a alimentação e os rituais alimentares estão nos pilares da ilha da Utopia e, portanto, é impossível analisar a obra sem levar em consideração a alimentação.

Para tal estudo, partiremos de uma comparação entre a obra utópica *Cocanha* (séculos XIII e XIV) e a obra de Thomas Morus, a *Utopia* (1516), buscando perceber as permanências e rupturas medievais no início da Idade Moderna no tocante à alimentação e suas representações. De uma narrativa marcada pelos prazeres, tanto da mesa quanto da carne, a um texto em que a fartura é resultado do trabalho humano, evidenciaremos, assim, as inovações que Thomas Morus trouxe para o campo literário.

O estudo sobre alimentação nas utopias vem ao encontro da forma como os seres humanos lidam com seu cotidiano e com a sua cultura. A sociedade imaginada pode nos servir como amparo para os nossos anseios íntimos, assim como pode moldar o pensamento em relação a uma nova ordem. Fazendo referência ao século XVI, é interessante observar como novas influências surgirão e inspirarão as utopias, pois o indivíduo do período vivia uma efervescência de ideias, como as notícias sobre as navegações e sobre os descobrimentos de novas terras.

Para desenvolver este estudo, partiremos de reflexões de Hilário Franco Jr (1998) para pensar a literatura como fonte, ou seja, como produção de discurso. O autor contribui no sentido de que mostra como a obra escrita não é apenas uma obra textual isolada que só se relaciona com o autor, mas que há intersecções entre a obra e o social, sendo impossível fazer um estudo sem

pensar as relações entre a imaginação do autor da obra literária (exercício individual) e o imaginário (construção coletiva da sociedade). Antonio Candido (2000) igualmente aponta caminhos para o estudo da literatura, observando a influência que o meio social exerce sobre a obra, no sentido do pesquisador atentar para realidade social a fim de compreender a função da obra. Ao refletimos sobre a Utopia enquanto gênero literário, utilizaremos Baczko (1989), Clayes (2013) e Falcon (2005). Para pensar a alimentação na Idade Moderna, utilizaremos autores basilares do campo da História da Alimentação, como Jean Louis Flandrin (1998), e os autores Ulpiano T. Bezerra de Meneses (1997) e Henrique Carneiro (1997).

Metodologicamente, trabalharemos a partir da perspectiva da História Cultural recorrendo a Roger Chartier (1999), pois consideramos fundamental a intermediação entre o vivido e o escrito por meio da análise de representações na obra no estudo da história literária e da história do impresso. Dessa forma, buscamos verificar o que permitiu ao autor expressar-se de tal forma, integrando o texto, o autor e as possibilidades de interpretações pensando sua função social. Ao inserir o livro em seu contexto de produção, buscamos compreender como as representações são construídas e o que elas nos revelam.

Pensando que os alimentos e os rituais que envolvem o comer são muito mais do que simples atividades naturais dos seres humanos, mas sim que estão imbricados em construções sociais, pelas escolhas de quais alimentos serão consumidos, pelas formas com que serão preparados ou mesmo as etiquetas que envolvem o comer, entendemos a alimentação como um dos pilares estruturantes de qualquer sociedade humana. A reflexão sobre a alimentação pensada enquanto prática de representação nos permite, assim, a compreensão de diversos grupos, suas crenças e valores.